

PROCURANDO POR DIREITOS: ATIVISMO TRANSMASCULINO COMO FORMA DE EXISTÊNCIA

Bernardo Mota Lopes -

Mestrando do Curso de Comunicação da Universidade de Brasília - UnB. Contatos: obernardomota@gmail.com

Resumo

A criança que teve sua primeira infância constituída a partir de uma palavrões e insultos, que variavam do macho-femea, maria-sapatão à palavras impronunciáveis, sabe o que significa constituir-se pela resistência e ter que inventar caminhos para uma vida possível. Reafirmo que não procurei pela militância ou pelo ativismo, no entanto, desde cedo a luta por direitos esteve presente como uma condição sine qua non. Ser um adolescente trans na periferia da capital do país me trouxe preocupações para ordem do dia: temia por não ter onde morar, enfrentei toda resistência e gambiarras para utilizar meu nome social nas instituições e migrei entre estados à procura de atendimento especializado em saúde. Através de relatos autoetnográficos, discuto, analiso e problematizo a construção de uma identidade de homem trans no Brasil, e como, necessariamente, o processo de organização em torno de movimentos sociais foi primordial para me garantir direitos básicos. Como principais discussões levantadas, este artigo aborda a passagem pelo movimento secundarista e os proibidos cinedebates LGBT no ensino médio que organizei, pelo fato de ter sido o primeiro homem trans a ser mestre de cerimônia do Congresso Nacional brasileiro, a convite do antigo ex-deputado federal Jean Wyllys, além das diversas ações organizadas enquanto coordenador regional do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) no Distrito Federal, dentre eles a constituição do Ambulatório Trans de Brasília, a coordenação do projeto piloto com a ONU de um curso de



Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências - Volume 1

ISBN 978-65-86901-34-4

formação para pessoas trans e outros episódios na direção de coletivos trans locais, como a T Colettive.

Palavras-chave: Homens trans; Movimentos sociais; Transmasculinidades; Autoetnografia.



Introdução

- Desde cedo, produzindo resistências.
- Quem pode escolher ser um ativista?
- Organização de homens trans no DF

Metodologia

- Autoetnografia como metodologia, 'fresta epistemológica' vozes diversas enquanto produtoras de conhecimento crítico. (VERGUEIRO, 2015, p. 25).
- A dimensão biopolítica da produção do arquivos (BOURCIER, 2021).
- Butler. Relatar a si mesmo.

Resultados e discussão

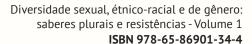
- Como se dava a estruturação da militância transmasculina no DF pré-pandemia;
- Quais são as redes de solidariedades erguidas por homens trans para o enfrentamento da covid?
- Como fazer uma autoetnografia em confinamento; o isolamento social para pessoas trans.

Considerações finais

- É preciso fortalecer os grupos de homens trans pelo país;
- A discussão sobre movimentos sociais e contexto pós covid;
- Como lidar com o luto (e com a luta) daqui para frente.

Referências

ÁVILA, S.; GROSSI, M. P.. "Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina". In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS, Florianópolis, 23 a 26 de agosto de 2010.





, S. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emer-
gência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo . Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, SC, 2014.
, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bertonni. 1ed; 4. reimp – Belo Horizonte: Autência Editora, 2019.
CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: "Estudos Feministas" p171-188, 2002.
GREEN, James. N. "Who is the Macho Who Wants to Kill Me?": Male Homosexuality, Revolutionary Masculinity, and the Brazilian Armed

Homosexuality, Revolutionary Masculinity, and the Brazilian Armed Struggle of the 1960s and 70s," Hispanic American Historical Review, v. 92, no. 3, p. 437-69, 2012.

JESUS, Jaqueline. G. **Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio.** In: MARANHÃO F°, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. História Agora, v.16, n° 2, pp.101-123, 2013.

_____, Jaqueline. G. **Xica Manicongo: A Transgeneridade Toma a Palavra.** Revista de Docência e Cybercultura.Rio de Janeiro v. 3 n.1 p. 250 Jan/Abr. 2019.

NERY, J. W. Viagem solitária – memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Editora Leya, 2011.

YORK, Sara Wagner. TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 187 p. 2020.